

RACHANDO O CURRÍCULO, VAZANDO POTÊNCIAS E CRIANDO OUTROS MUNDOS

Will Paranhos¹

RESUMO

O mundo está posto, os “sistemas” hegemônicos existem e não há como escapar das constantes capturas normativas. Por mais que este possa ser - e é - um cenário caótico, persistir na constante - e ininterrupta - resistência acaba por criar um cenário onde lutamos, incansavelmente, contra um “algo” que não podemos perceber de maneira concreta - por mais que sintamos seus reflexos -, mantendo-nos constantemente ocupados nesta tarefa. Há uma boa vida fora desta luta? O que fazemos com aquilo que temos de melhor? O convite feito por Donna Haraway (2016) e Marlene Wayar (2021) é justamente para mudarmos a retórica, revermos nossas práticas e nos atermos àquilo que, de fato, nos possibilita o viver e morrer bem. O presente trabalho relata as etapas de concepção, realização e desdobramentos do minicurso *Rachando as estruturas: a escrita como possibilidade de vazamentos*, realizado durante o *III Seminário Internacional de História e Educação*, ocorrido, em formato remoto, no dia 13 de junho de 2023. O minicurso usou como argumento a tese de Gayatri Spivak (2010), acerca da subalternização epistemológica, e, como forma de escapar de tal lógica, apresentou os quase-conceitos de ficção especulativa, desenvolvidos tanto por Donna Haraway (2011) quanto por Jota Mombaça (2021), e a escrevivência, de Conceição Evaristo (2007), como possibilidades (con)fabulação e insubmissão. Instigados pelo debate, os participantes foram convidados a produzirem fábulas que, posteriormente, foram compartilhadas entre si. Como resultado, os participantes, profissionais da educação, perceberam na escrita uma maneira para criar outros discursos em torno da alteridade, impulsionados pela lógica da fabulação.

Palavras-chave: Fabulação, Ficção especulativa, Escrevivência, Currículo.

1 Pessoa não-binária, pessoa com deficiência, macumbeira e Pai da Maya. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista CAPES. wiliamrosindoparanhos@gmail.com

PERCEBENDO AS RACHADURAS

Preliminarmente digitei “criando rachaduras”, a fim de intitular a presente seção. Em sendo as normatizações uma série de estruturas rígidas, que tentam impedir qualquer tipo de maleabilidade, as rachaduras surgem por si só. Logicamente, por meio de uma prática desconstrutiva, podemos incitar a criação de novas fissuras, num movimento de “descolonização interior”, conforme cita Silvia Cusicanqui (2015), levando à insubmissão no interior das subjetividades. No entanto, creio ser muito mais produtivo, partindo da lógica defendida pela indígena boliviana, percebermos as rachaduras que já se estabeleceram, haja vista o movimento agenciado por nosso senti-pensar-estarmos-sendo (Will Paranhos, 2023), que provoca constantes tensões entre nosso desejo e aquilo que nos é permitido fazer/pensar/ser. E quando a rachadura existe, o que pode ocorrer?

Imagem 1 - Cano vazando



Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/foto/detalhe-do-cano-quebrado-qm1074493878-287653433?phrase=vazamento&searchscope=image%2Cfilm>. Acesso em: 16 nov. 2023.

Tenho operado bastante com a ideia de vazamento para pensar um pouco nessa incongruência existente em torno das normas, que não dão conta de normatizar tudo efetivamente, tanto que devem ser constantemente reiteradas, e as potencialidades que existem, mas que, em virtude das normas, acabam sendo

desconsideradas. As normas seriam, numa analogia, um grande cano que tende a segurar e regular a água que por dentro dele passa, levando-a de um lugar a outro. Contudo, a água, a qual penso como se tratando de nossas vidas, ao encontrar uma pequena rachadura tende a vazar com força, criando um movimento que revela nossa potência, conforme tento ilustrar com a Imagem 1.

Partindo daí, tenho me questionado até que ponto temos vazado, temos nos permitido vazar, temos mantido nossas rachaduras e fissuras abertas e expostas, a fim de que, vez ou outra, a pressão possa encontrar caminho para fluir por outros meios, inquietações estas que me aproximam daquilo que Byung-Chul Han (2015; 2023) vem tentando trabalhar em seus escritos a respeito de como introjetamos a lógica neoliberal em nossos cotidianos e experiências, sendo impossível criar momentos onde não estejamos imersas nas capturas que nos impedem de gozar ou ter prazer (Raúl Ferrera-Balanquet, 2015).

Afetade e deslocade por Donna Haraway (2016) e Marlene Wayar (2021), que nos convidam a modificarmos nossa maneira de estar e de expressar-se no mundo, criando meios que tornem possível um bem viver e bem morrer, é que constituí o minicurso *Rachando as estruturas: a escrita como possibilidade de vazamentos*, ministrado no dia 13 de junho de 2023 durante o III Seminário Internacional de História e Educação, em formato remoto, contando com 16 participantes.

O minicurso objetivou abrir caminhos, construir possibilidades e rachar as estruturas rígidas do campo da pesquisa, criando um espaço de discussão e possibilidades em torno da prática da escrita como ferramenta contraproducente que provoque rachaduras no cânone acadêmico-científico. Apesar de ater-se aos aspectos do exercício epistemológico, levando-nos a difratar em torno do modo como temos constituído saberes científicos, acreditei - e ainda acredito - que a atividade poderia facilmente ser tensionada, levando-nos a pensar, também, em outros contextos de nossas vidas.

Em que pese seu referencial teórico, partimos, preliminarmente, da tese de Gayatri Spivak (2010), a qual apresenta uma historiografia das violências epistemológicas que tornaram-nos - e ainda nos tornam - subalternizadas. Posteriormente, abrigamo-nos na “escrivência” de Conceição Evaristo (2007), como prática que nos leva, primeiramente, a perceber nossos privilégios, o contexto em que nos inserimos, nossas relações com e outre e os vieses que originam-se nesta relação, possibilitando, então, criarmos meios para usar das escritas de vida, fabuladas ou não, como estratégia de insubmissão. Por conta da potência das fabulações, emaranhamo-nos com a ficção especulativa de Donna Haraway (2011) e Jota Mombaça (2021), es quais percebem no “o convite a especular” um meio para “imaginar, sentir, construir algo melhor. Essa é a ideia de mundo na

ficção científica que sempre me atraiu. É uma construção real de mundo” (Donna Haraway, 2011, p. 58).

Deste modo, após a etapa teórica, onde o referencial é apresentado de maneira sintética, es participanties são convidades a reunirem-se em quatro grupos, com quatro integrantes cada, e, naquele momento, dialogarem sobre experiências de violência que teriam vivenciado dentro do contexto escolar, independente se como protagonistas ou espectadories. E facilitadorie percorreu as salas virtuais, a fim de acompanhar as discussões e, ao final do tempo estabelecido, fez o convite: “Imaginem que vocês têm a possibilidade de mudar as experiências que vivenciaram, de transformar completamente o contexto escolar que, por vezes, é tomado por atos de violência. Vocês têm o poder de mudar tudo como em um passe de mágica, criando um currículo e um cotidiano escolar que poderia ser chamado de ‘perfeito’. O que vocês fariam?” (*sic*).

A partir deste momento, es participanties devem, por meio da escrita especulativa, da fabulação, do exercício da imaginação, criar uma história onde outros enredos sejam possíveis, enredos estes que devem ser constituídos com base em seus desejos mais genuínos, não raro aqueles que são abandonados logo no princípio, quando metafisicamente bradamos em nome da realidade, onde sonhos são impossíveis. Quatro fábulas foram criadas e apresentadas, ao final, para o grande grupo, mas, para fins deste relato, atenho-me somente a uma delas.

O conto *Akin: em busca de uma história* foi escrito por um grupo formado por quatro integrantes, duas delas estudantes de pedagogia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) - Campus Angicos (RN), uma doutoranda em educação na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) (RS) e uma professora de escola básica. Akin é, segundo as autoras, um nome de origem lorubá que significa valente, guerreiro, herói, motivo pelo qual foi escolhido para ser título da história e nomear a personagem principal.

Morando na cidade de Imaginação, Akin era uma criança que adorava estudar. Certo dia, durante uma atividade, a criança viu-se frente a seguinte questão: qual seu livro favorito? Akin, que já havia lido vários livros, percebeu-se diante de um “beco sem saída”, afinal ele não tinha um livro favorito. Sua professora, ao perceber a ansiedade em que se encontrava, se aproximou para tentar entender o que acontecia. Akin contou a ela que não sabia o que responder, pois não tinha um livro de que mais gostava.

Apesar de seu apreço pela leitura, Akin contou que nunca sentiu-se realmente feliz ao finalizar uma obra, pois não percebia-se representado nela. Para ele, era muito difícil imaginar o “mundo do faz de conta”, pois as personagens não se pareciam com sua imagem. Akin era uma criança negra, pobre e órfã, que vivia

em uma casa de acolhimento para crianças e jovens em situação próxima a dele. Além disso, por conta de uma doença que acometeu sua mãe durante a gestação, Akin nasceu com deficiência auditiva e, por tal razão, comunicava-se por Libras.

A professora pediu que, então, Akin permanecesse na sala, mesmo após as outras crianças irem embora. Como combinado, ele ficou. A professora então o chamou até sua mesa e, sobre ela, colocou um pano que parecia cobrir alguma coisa. Ao desembulhar, Akin se deparou com um lápis que, aos seus olhos, parecia-se como qualquer outro. No entanto, a professora disse que aquele era um lápis mágico e que, quando fosse utilizado, as histórias por ele escritas tornariam-se realidade.

Em posse do lápis, Akin começa a escrever histórias, onde as personagens representam um pouco dele mesmo. Dentre estas, a mais marcante era a do dia em que a criança começava a frequentar uma nova escola onde todas as pessoas sabiam falar por língua de sinais. Naquele dia, ocorria uma festa com várias apresentações culturais e Akin seria a grande estrela, pois seria o ator principal de uma peça de teatro. Ao final do espetáculo, ele é aplaudido de pé pela plateia e recebe uma chuva de flores.

Apesar de ser uma história que, aparentemente, volta-se ao público infantil, o movimento produzido por Akin nos possibilita borrar as fronteiras entre imaginário e realidade, num espaço onde tudo é possível. Nela, não existe a limitação na formação em Libras ou mesmo uma prática de inclusão que não ocorra em sua totalidade. Ademais, a possibilidade de escrever histórias remonta à escrivência de Conceição Evaristo (2007), onde a personagem, mesmo que ficcionalmente, assume protagonismo e distancia-se das marcas do racismo, do adultocentrismo e do capacitismo.

Em que pese o contexto do currículo e da escola, a fábula de Akin permitiu-nos militar por uma “reconstrução especulativa do mundo e assim para mundos possíveis, materiais, afetivos, práticos na situação detalhada e concreta do *aqui*” (Donna Haraway, 2011, p. 59), o que é possível no instante em que não somos tolhidos pelo peso da realidade que dilacera qualquer possibilidade de imaginação. Ademais, quando nos colocamos a resolver algum problema, é a realidade que nos impede de imaginar soluções, justamente por as avaliarmos pela régua da possibilidade. O impossível, porém, nos permite criar meios que não se preocupam com o concreto e, neste exercício, surgem vários caminhos que podem ser adaptados e utilizados em nossas experiências de vida, conforme defende Jota Mombaça (2021).

A grande maioria de nós já sonhou com algo que hoje é tido como impossível. Porém, por qual razão não pensar nessas possibilidades, não distanciar-se da

máquina de colonizar sentimentos e pensamentos e abrir-se ao irreal? Apesar de não ser meu foco de pesquisa, gosto muito de voltar-me à infância para pensar nas potencialidades que, ao longo da vida, foram sendo esquecidas, as rachaduras que foram sendo coladas, remendos que foram feitos a fim de garantir que a água siga seu fluxo “correto”.

O exercício de fabular permite-nos “construir memórias de futuro em nosso presente” (Fernando Gonçalves, 2023, p. 311), criando quebras na linearidade incutida pelo pensamento ocidental, constituindo rearranjos que afetem-nos em nossas experiências e tornem possível pensar em outros modos de senti-pensar-estarmos-sendo (Will Paranhos, 2023) no mundo, por meio de um constante vazar-se.

REFERÊNCIAS

CUSICANQUI, Silvia Riveira. **Sociología de la imagen**: ensayos. 1. ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

EVARISTO, Conceição. Da grafiadesenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

FERRERA-BALANQUET, Raúl M. Navegar rutas erótica decoloniales rumbo a relatos ancestrales karibeños. In: FERRERA-BALANQUET, Raúl M. et al. **Andar erótico decolonial**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015.

GONÇALVES, Fernando. Corpo, memória e fabulação anticolonial nas colagens visuais de Gê Viana. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 293-313, 2023. DOI: 10.29146/eco-ps.v26i2.28069.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2015, 136p.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa ou sobre a inatividade**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2023.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016.

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes antropológicos**, v. 17, p. 27-64, 2011.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021, 144p.

PARANHOS, Will. “EMARANHAMENTOS CUIR”: Teorizar a partir de uma ontoepistemologia das localizações. In: **VI Seminário Internacional Desfazendo o Gênero**. Vitória da Conquista, BA, 2023.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WAYAR, Marlene. **Travesti**: una teoría lo suficientemente buena. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Muchas Nuances, 2021.